



# Uma caneta na mão e uma ideia na cabeça

**Cidadania** A partir de instrumentos simples como um bloquinho e uma caneta, moradores de rua passam da invisibilidade à posição de questionadores do mundo

“Chegou a nossa professora! Vai começar a reunião!” avisou um deles enquanto Rosina entrava na sala. Com anos de histórias contadas por pessoas sem faculdade, diploma ou casa, o *Boca de Rua* é hoje o único jornal produzido e vendido por pessoas com vivência de rua.

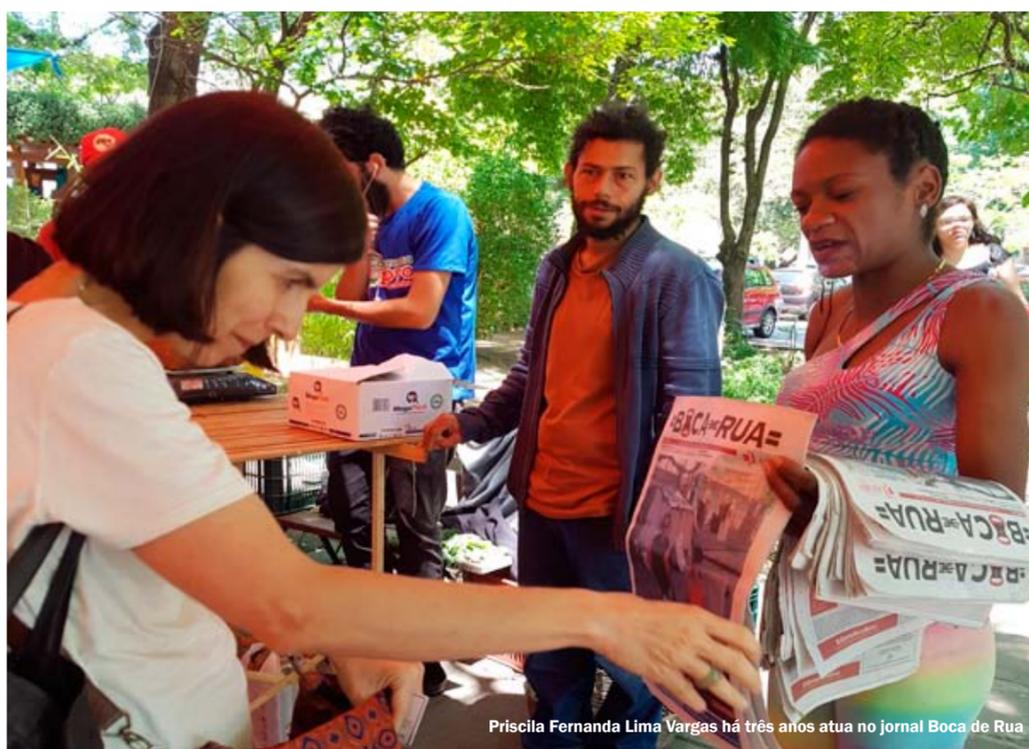
O impresso faz parte da *International Network of Street Papers*, rede com 100 veículos de comunicação em 34 cidades de todo o mundo. Foi criado em 2001 pelas jornalistas Rosina Duarte e Clarinha Glock, em Porto Alegre, por meio da Agência Livre para Informação, Cidadania e Educação (ALICE). A ideia de trabalhar junto a grupos sociais sem representatividade dentro da mídia sempre existiu na ALICE. Rosina garante que não se trata de dar um apoio, mas, sim, de garantir a essa população o direito à comunicação, previsto pelo artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

É justamente a partir da comunicação que os moradores de rua mostram à sociedade que também têm histórias para passar adiante. Paulo, 41 anos de idade, integrante do jornal e há 12 anos na rua, acrescenta: “Com o jornal, eu vendo o meu trabalho”.

Para Ilza Girardi, coordenadora do Núcleo de Comunicação Comunitária da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico) da UFRGS, o Jornalismo tem uma função social: “As pessoas bem informadas vão poder participar da gestão da sua cidade. Isto é fundamental: saber que se tem direito e que se pode”.

Na Fabico, Ilza ministra a disciplina de Comunicação e Cidadania. Ali, os alunos fazem trabalhos visando passar informações a diferentes grupos sociais, assim como o *Boca de Rua*. “É muito bacana, eu fico encantada: a gente estimula, e os alunos vão atrás. Em cada trabalho que fazem, levam alguma esperança às pessoas”, encanta-se.

**Em busca de direitos** – O veículo de comunicação que esses moradores de rua fazem tem por objetivo transformar: no *Boca*, não se acredita em jornalismo que expõe a matéria e deixa a pessoa como ela está. Ilza defende: “É uma oportunidade de eles terem outros conhecimentos para buscarem



Priscila Fernanda Lima Vargas há três anos atua no jornal *Boca de Rua*

aquilo que querem para as suas vidas”. Ederson, 35 anos de idade, integrante do jornal e há nove meses na rua, comenta: “É um jornal que nós mesmos fazemos, das nossas vidas, essa é a verdade. E é muito bom para nós”.

Por isso, o *Boca* acaba sendo o espaço permitido para que eles exerçam a sua cidadania, batalhem por seus direitos e desviem a atenção da droga. É a família que muitos deixaram ou pelas quais foram deixados para trás. É o pão de cada dia, o almoço, o café, o emprego. “O *Boca* é tudo pra mim”, enfatiza Rodrigo, 26 anos de idade, morador de rua desde os sete anos e integrante do jornal.

O *Boca de Rua* é trimestral, com tiragem de 12 mil exemplares e preço fixo de dois reais. As reuniões do grupo, que acontecem uma vez por semana, costumam ter de 25 a 35 integrantes. Nelas, os *Bocas* – como se autointitulam – são muito participativos: em um mar de cabeças, sempre há uma mãozinha indicando alguém que deseja falar. No final do encontro, cada participante recebe de 35 a 45 exemplares para vender, e o dinheiro que arrecada com as vendas fica para si.

O conteúdo do *Boca* versa sobre temas caros aos moradores de rua. “É a realidade da vida, é o que acontece na rua”, defende Paulo Ricardo, 52 anos de idade, morador de rua desde os nove anos e integrante do jornal. Além das matérias, há

um espaço para o *Boquinha*, “o filho do *Boca*”. Ali se divulgam as atividades realizadas por muitos dos filhos dos moradores de rua. A ideia é mostrar o mundo às crianças e as crianças ao mundo, numa tentativa de se fugir da dureza da calçada.

**“É uma outra lógica: a sociedade é punitiva, exclui pessoas, seleciona, bane; e o *Boca* não. Isso dá muito mais certo do que o sistema aplicado pela sociedade”**

Rosina Duarte

Para poder se integrar à equipe do *Boca*, não há nenhum tipo de seleção, apenas algumas regras: participar de três reuniões consecutivas antes de receber jornais para vender, respeitar todos, não comer durante os encontros e não sair sem avisar. “Ali ninguém faz caridade, a gente trabalha junto. Nós somos colegas de trabalho”, defende a jornalista Rosina Duarte.

Segundo ela, o *Boca de Rua*

existe ainda hoje por causa da confiança construída em conjunto. “É uma outra lógica: a sociedade é punitiva, exclui pessoas, seleciona, bane; e o *Boca* não. Isso dá muito mais certo do que o sistema aplicado pela sociedade”, argumenta. Dessa forma, ao receberem um novo membro, não perguntam os motivos que o levaram a procurar o jornal, se ele já teve passagem pela polícia ou se é viciado em alguma droga.

**Fazendo jornalismo** – Na primeira etapa da fabricação do jornal, debatem-se pautas: ideias são jogadas ao ar e as colaboradoras vão as associando e aprimorando, tudo na base do diálogo. Dessa conversa, sobram, mais ou menos, três pautas para grandes reportagens, além de algumas notícias.

Em seguida, as matérias são divididas em grupos. Dentro de cada um deles, faz-se uma roda de conversa para se esboçar o texto de abertura. Todo grupo deve ter uma pessoa que é capaz de escrever o que está sendo dito para organizar o encaminhamento da reportagem.

E logo vai se refinando a matéria: observam as fontes para entrevistar, escrevem o que irão questionar, o que irão fotografar. “Às vezes é preciso perguntar alguma coisa. Quando o pessoal não sai falando, eu tento estimular e vou anotando”, explica Caroline Sarmento, colaboradora do *Boca de Rua*. Depois, as tarefas são divididas

de acordo com o interesse da cada um.

Muitas vezes, em função das remoções promovidas pela prefeitura, alguns não conseguem juntar seus pertences e documentos e acabam por perdê-los pelo caminho. Por esse motivo, geralmente o bloquinho com o esquema da matéria fica sob a responsabilidade das colaboradoras, assim como a produção das entrevistas.

Apesar disso, muitas entrevistas são feitas pelos moradores de rua sozinhos. Rosina comenta orgulhosa: “Algumas vezes a matéria já vem até escrita. Muitos deles agora têm fluência”. Por essa razão, ela acredita: “Hoje, se eu sair do *Boca*, acho que ele segue. Ele tem base suficiente para seguir. Isso – saber que eu não sou necessária – para mim é uma fonte de orgulho muito grande”.

Feitas as saídas de campo, cada grupo segue costurando o texto num ritmo de vai e vem. “Nós vamos revisando à medida que as entrevistas vão chegando e vemos se é isso mesmo, se surgiu algum fato novo”, explica Rosina. “Depois, a gente transforma tudo num texto final”, emenda Caroline. Após finalizadas, as reportagens são lidas para o grupo e, quando aprovadas, o jornal já pode ser montado. A edição final fica a cargo de Rosina e da também jornalista Cristina Pozzobon. Nessa etapa, elas revisam os textos e fazem a diagramação. Depois, o jornal vai para a gráfica ser impresso. Paulo, morador de rua e integrante do *Boca*, observa: “São elas que mandam imprimir as ideias da gente”.

Para a professora Ilza Girardi, o *Boca* é uma militância política: “Eles se dedicam àquilo ali de corpo e alma porque sabem da importância desse trabalho”. Ela acredita que, ao produzirem o jornal, essas pessoas passam a ser respeitadas pela sociedade: “O *Boca de Rua* é um trabalho fantástico de construção de cidadania.” Assim que a nova edição começa a circular, faz-se o “Debate *Boca*”: lá todos os integrantes analisam a edição que acabou de sair. “É quase uma DR, a gente discute a relação”, brinca Rosina. “E depois produzimos as novas pautas.”

Carolina Pastl,  
estudante do 4.º semestre  
de Jornalismo da UFRGS